



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ELEMENTOS PARA UMA SOCIOLOGIA PÚBLICA DE FLORESTAN FERNANDES

Keila Lúcio de Carvalho

keilalcarvalho@gmail.com

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ)

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

O sociólogo brasileiro Florestan Fernandes (1920-1995) construiu-se em sua trajetória acadêmica como um *scholar*, corporificando um estilo profissional de sociologia a partir de uma orientação intelectual que buscava defender o rigor científico nos marcos da mudança social e de sua função civilizatória. Após sua consagração acadêmica e em meio à aposentaria compulsória decorrente do Ato Institucional nº5 em plena ditadura civil-militar brasileira, Fernandes identificou nos processos políticos de seu tempo a motivação para um intenso engajamento *fora* da academia. O resultado desse processo não consistiu num abandono à sociologia, mas a defesa de uma razão emancipatória como parte de um projeto socialista revolucionário. Nesse caso, a retração da vida acadêmica pode ser considerada um elemento explicativo para a construção de novos canais de comunicação e de engajamento com um público extra-acadêmico. Nessa perspectiva, o sociólogo adquire, em Fernandes, o caráter de ator político e força ativa, orientado por grupos e classes sociais mobilizados em torno de uma prática política, como partes coordenadas de um mesmo processo histórico. Nesse sentido, Florestan Fernandes não comparece neste artigo apenas como “objeto” da pesquisa, mas como sujeito, sociólogo de refinada artesanía intelectual, com sólida (auto)consciência social e política. Florestan, sujeito real, de carne e osso, aparece revelado em uma variedade de engajamentos públicos que esboçou, sobretudo, a partir de finais dos anos 1970. Buscaremos explorar os momentos mais públicos da atividade de Florestan como sociólogo. Fazem parte desse momento sua imersão na atividade de publicista e sua filiação ao Partido dos Trabalhadores (PT), por meio do qual exerceu a atividade parlamentar como deputado federal constituinte em 1987, sendo reeleito em 1991. A partir da categoria de sociologia pública, tal como nos instiga o sociólogo britânico Michael Burawoy (1948-), buscamos transformar o conjunto das intervenções políticas e de engajamento público de Florestan Fernandes em instrumento heurístico para a argumentação que buscamos levantar neste trabalho: o lugar do engajamento na sociologia, transformando a sociologia pública como prática sociológica e agenda de pesquisa. O confronto de Florestan Fernandes com a sociologia pública – referenciada em Burawoy –, pode contribuir para oferecer nova perspectiva, a partir do engajamento público, ao debate teórico e metodológico das



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ciências sociais. Refletir sobre a herança deixada por Florestan Fernandes ajuda a iluminar novas e antigas estratégias para o ofício de sociólogo na atualidade.

ABSTRACT

The Brazilian sociologist Florestan Fernandes (1920-1995) built his academic trajectory as a scholar, incorporating a professional style of sociology based on an intellectual orientation that sought to defend the scientific rigor in the frameworks of social change and its civilizing function. After his academic consecration and amidst compulsory retirement resulting from Ato Institucional nº5 in the midst of the Brazilian civil-military dictatorship, Fernandes identified in the political processes of his time a motivation for an intense engagement out of the academy. The outcome of this process was not an abandonment to sociology, but the defense of an emancipatory reason as part of a revolutionary socialist project. In this case, the retraction of academic life may be an explanatory element for building new channels of communication and engagement with an extra-academic audience. In this perspective, the sociologist acquires, in Fernandes, the character of political actor and active force, oriented by groups and social classes mobilized around a political practice, as coordinated parts of a same historical process. In this sense, Florestan Fernandes does not appear in this article only as an "object" of the research, but as a subject, sociologist of refined intellectual craftsmanship, with (self) social and political solid consciousness. Florestan, real flesh-and-blood subject, appears revealed in a variety of public engagements, that has outlined above all in the late 1970s. We sought to explore the more public moments of Florestan's activity as a sociologist. Part of this moment is his immersion in publicist activity and his membership to the Partido dos Trabalhadores (PT), through which he exercised of the parliamentary activity as federal deputy constituent in 1987, being reelected in 1991. From the category of public sociology, such as the British sociologist Michael Burawoy (1948) insist, we seek to transform Florestan Fernandes' set of political interventions and his public engagement into heuristic instrument for the argument that we seek to raise at work: the place of the engagement in sociology, transforming the public sociology as sociological practice and research agenda. The confrontation of Florestan Fernandes with the public sociology - referenced in Burawoy -, can contribute to offer a new perspective, from



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

the public engagement, to the theoretical and methodological debate of the social sciences. Reflect on the inheritance left by Florestan Fernandes helps to illuminate new and old strategies for the work of sociologist in the present time.

Palabras clave

Florestan Fernandes; Engajamento Público; Sociologia Pública

Keywords

Florestan Fernandes; Public Engajament; Public Sociology



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

Este trabalho, que apresenta parte dos resultados da pesquisa desenvolvida em minha tese de doutorado ¹, consiste em analisar os engajamentos públicos de Florestan Fernandes (1920-1995) à luz da proposta de sociologia pública, desenvolvida por Michael Burawoy (1947-...). Resgatar essa proposta, formulada no cenário da sociologia norte-americana contemporânea, parte menos como uma exigência em face da história da sociologia brasileira e mais como uma crítica indireta ao atual estado da sociologia no país, marcada, em grande medida, por uma profissionalização burocrática que, em muitos casos, engessam o fazer sociológico em detrimento de sua capacidade criativa. A sociologia pública pode ser útil para repensar a produção e a divulgação do conhecimento sociológico nesses termos e, no seu lugar, recolocar a necessidade de construção de novos canais de comunicação e de engajamento com um público extra-acadêmico.

O objetivo consiste em recuperar os diálogos e intervenções de Fernandes construídos *com* e *para* um público extra-acadêmico sobretudo ao final de sua trajetória, a partir de sua defesa de uma “sociologia crítica e militante”.

¹ A tese, intitulada “Caminhos para uma sociologia pública: Pierre Bourdieu e Florestan Fernandes”, foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ) e encontra-se disponível em: <<https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2015/08/Tese-Keila-L-Carvalho-Vfinal.pdf>>.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceptual

Formulada pelo sociólogo britânico Michael Burawoy, a sociologia pública é um modo de fazer sociologia engajada *com* e *para* públicos extra-acadêmicos.² Dois elementos marcam a diferença entre a sociologia pública e as outras formas de produzir e praticar sociologia que se limitam a falar *dos* públicos: o tipo de conhecimento envolvido – reflexivo, não instrumental – e os interlocutores privilegiados – públicos mais amplos, para além dos pares acadêmicos. Apesar de a categoria sociologia pública ter sido formulada em 2004, o debate sobre o engajamento público dos sociólogos não é novidade.³ A especificidade da sociologia pública, nesse sentido, corresponde a uma particularidade do ofício de sociólogo de conjugar sua produção sociológica com públicos extra-acadêmicos (BURAWOY, 2005).

Quando Burawoy destaca a legitimidade de uma sociologia engajada *para* e *com* os públicos, em especial os subalternos, o que está em questão é o entendimento do sociólogo como exercício da sua função *intelectual* na sociedade. O próprio Burawoy compreende que o sociólogo público é uma variação especializada do intelectual, tendo sua comunicação pública limitada pela sua área de especialidade em vez de abordar questões de interesses mais gerais (BURAWOY, 2005).

É nesse sentido que Burawoy apresenta a sociologia pública como um tipo de conhecimento reflexivo, que permite canalizar as reações à crise em direção à revitalização da sociedade civil. Ou seja, consiste em um tipo de sociologia capaz de transcender o âmbito acadêmico em direção a públicos mais amplos da sociedade, extra-acadêmicos. Ao propor um diálogo reflexivo junto aos públicos da sociedade civil, a sociologia pública diz respeito a uma concepção de conhecimento e

2 A distinção entre uma sociologia pública *com* e *para* públicos extra-acadêmicos diz respeito aos tipos possíveis que Burawoy (2005) demarca, respectivamente, para a sociologia pública *orgânica* e a sociologia pública *tradicional*.

3 O termo “engajamento”, do francês *engager*, tem sua origem no século XIX, em meio aos debates sobre a função das convicções e dos valores do escritor e sua utilidade política. Nos anos 1940, a palavra foi popularizada com sua utilização pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), embora o engajamento extrapole os intelectuais, se considerados uma categoria específica. Entendo por engajamento, ou engajamento público, uma ação ou um discurso de comprometimento com questões públicas. O fato de tomar parte de um conflito não deve ser entendido, porém, de forma voluntarista, por meio de uma decisão “soberana” de se engajar. Por outro lado, considerar as “experiências” de engajamento abre mais espaço para as possibilidades de traçar diferentes caminhos e direções de engajamento, considerando as condições sociais nas quais essas experiências estão inseridas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de prática sociológica que envolve uma sociologia politicamente engajada. É nesse sentido que busco demonstrar que a “sociologia crítica e militante” de Fernandes tem muitas semelhanças com o que Burawoy denomina “sociologia pública”.

Num momento tardio de sua trajetória e em meio ao isolamento da vida universitária em decorrência da aposentaria compulsória, Fernandes desenvolveu o sentido da “sociologia crítica e militante”, através da construção de novas vias de comunicação e de engajamento com um público amplo, que perdurou até o final de sua vida. Em sua concepção, a sociologia é um conhecimento que se constrói e se reconstrói de modo permanente, já que é parte de um movimento vivo – a história em processo –, no qual as ideias e ações se articulam de forma recíproca (FERNANDES, 1980). Nesse sentido, o parâmetro da sociologia crítica e militante é a própria realidade em processo, mantendo as explicações no nível das atividades práticas e das aspirações dos grupos e classes sociais empenhados na revolução. Ao mesmo tempo, não faria sentido que, nessa acepção, a sociologia se restringisse ao enquadramento institucional, limitada aos muros da universidade, mas sim que se orientasse para romper as barreiras e propiciasse novas formas de comunicação com a sociedade. Foi nessa ocasião, na Universidade de Toronto, que Fernandes se reconheceu assumidamente um *sociólogo marxista*, em uma tentativa de reverter a sobreposição de papéis e condensar o sociólogo e o socialista em sua pessoa.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

Localizadas em uma trajetória biográfica e sociológica bastante sinuosa, as experiências de engajamento público vividas por Florestan Fernandes são, por isso mesmo, proficuas para a análise empreendida neste trabalho. Tomamos o sentido de trajetória como um processo, plena de relações recíprocas, que extrapola uma visão linear e uma polarização entre condicionantes internos e externos.

No sentido de uma crítica imanente, busco compreender os conceitos e as categorias do autor em uma apreensão desses instrumentos a partir de seus variados objetos empíricos. Por outro lado, no sentido de uma crítica que transcende Fernandes, o objetivo é realizar uma interpretação especialmente localizada em suas experiências de engajamento público como sociólogo a fim de pensarmos possíveis interlocuções com a sociologia pública.

No plano das técnicas de pesquisa, foi utilizada a pesquisa empírico-documental. O material empírico deste trabalho é constituído de diferentes modalidades de registros de Fernandes. Delimitando de modo mais claro, além das obras e contribuições direcionadas a um público acadêmico, foi realizada uma pesquisa exploratória das experiências de engajamento público utilizando-se um campo específico, que teve como objetivo reunir um conjunto de documentos e registros formulados *para e/ou com* um público extra-acadêmico: artigos jornalísticos e entrevistas, livros de interesse editorial extra-acadêmico, participações em programas de televisão, documentários, manifestos, petições e declarações públicas, participações em movimentos sociais e organizações político-partidárias, entre outros.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análisis y discusión de datos

Para Fernandes (1984), suas experiências tardias de engajamento público não foram construídas em virtude da condição universitária. O ingresso na universidade, em sua juventude, foi acompanhada pela recusa de isolamento acadêmico, dada a efervescência dos acontecimentos históricos e políticos e das lutas sociais em plena ditadura do Estado Novo: o dinamismo operário da cidade de São Paulo dos anos 1940 e a atuação dos pequenos grupos revolucionários. Contudo, nos anos 1950, Fernandes se distanciou da militância político-partidária – o que, décadas mais tarde, atribuiu a uma consequência quase direta da conjuntura política.⁴ Sua próxima experiência de engajamento público mais organizado se deu somente uma década depois, quando esteve engajado na Campanha em Defesa da Escola Pública.

A Campanha em Defesa da Escola Pública (1958-1966) surgiu na etapa final do processo de tramitação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em oposição ao projeto de lei do deputado Carlos Lacerda, no final de 1958. A campanha tinha como objetivo conscientizar amplas camadas da população brasileira sobre os problemas educacionais, visando exercer pressão sobre deputados, senadores e o próprio presidente João Goulart (1961-1964) para que rejeitassem o projeto privatista. O desfecho não foi positivo e o projeto foi aprovado na forma da LDB de 1961.

Ao longo desse período, Fernandes pareceu afinar sociologicamente o conteúdo do engajamento do sociólogo para um tipo mais específico. Se antes era quase indiferente à opção entre uma orientação conformista ou inconformista do engajamento, em privilégio às razões que a ela estariam fundadas (FERNANDES, 1976, p. 228-229), agora parece fundamental que o sociólogo tome um posicionamento mais claro em relação aos conflitos existentes na sociedade. Em

4 O próprio Fernandes afirma que, passado o período de militância no PSR, foi defrontado com uma “acomodação improdutiva” entre ser militante, “com o sacrifício de minhas possibilidades intelectuais”, e ser universitário, “com atividades políticas de fachada” (FERNANDES, 1986, p. 252). A escolha pela universidade não ocorreu, segundo o autor, sem “feridas e frustrações”, mas foi determinada por uma realidade em que, ela mesma, não apresentaria escolhas: “A esquerda ainda não possuía partidos que pudessem aproveitar o intelectual rebelde de forma construtiva para o pensamento político revolucionário”. Em entrevista para a revista *Teoria e Debate*, Fernandes (1991, p. 8) confirmou que sua saída do PSR se deu em razão dos próprios companheiros de partido, que “acharam que não seria conveniente que eu desperdiçasse o tempo em um movimento de pequeno alcance, quando podia me dedicar a trabalhos de maior envergadura na universidade”.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

outros temas, isso significa que o sociólogo, como intelectual, assumia uma posição ativa de democratização da cultura como agente fundamental dos processos de mudança social. De todo modo, no prefácio à segunda edição, escrito em março de 1976, Fernandes analisou que *A sociologia numa era de revolução social* reflete o espírito de renovação e de esperanças da época em que foi escrito (entre 1959 e 1962), e que era dominante também na USP.

Em setembro de 1964, em virtude de um inquérito policial-militar instaurado na USP, Fernandes foi convocado para depor e permaneceu preso por alguns dias. Submetido ao inquérito, Fernandes foi processado, julgado e declarado inocente pela justiça militar.

Florestan esboçou, poucos anos mais tarde, um novo sentido de sua reação contra o golpe, a partir de uma perspectiva sociológica: o entendimento de que o golpe de 1964 foi uma contrarrevolução engendrada por uma autocracia burguesa em um cenário de capitalismo dependente. Retornando à USP, Fernandes participou ativamente do movimento universitário contra o golpe, até que teve decretada, por força do Ato Institucional n. 5, sua aposentaria compulsória em 1969, permanecendo fora do país até 1972. Com a nova situação política, o sociólogo identificou uma tensão malresolvida entre seus papéis de acadêmico, cientista e militante. Durante o exílio, foi professor na Universidade de Toronto, condição que lhe permitiu tirar os constrangimentos dessa relação de forma ainda mais sistemática. Abre-se, portanto, a preocupação fundamental de Fernandes: o destino da sociologia crítica e militante no Brasil.

Na medida em que o golpe de 1964 aprofundou a ditadura no Brasil, Fernandes também alargou sua crítica em relação às possibilidades de intervenção racional e de *controle* dos problemas sociais, considerando, naquele momento, “que seria difícil, numa sociedade capitalista como a brasileira”, na qual os “mecanismos de defesa da ordem não passam pelo planejamento democrático, mas pela omissão ou pela opressão e pela repressão” (FERNANDES, 1977, p. 194). Para Fernandes, tal reorientação foi devedora tanto dos processos sociais em curso quanto das investigações sociológicas que desenvolvera. Na verdade, sabemos que esses dois elementos se coadunam e que apenas analiticamente podemos distingui-los.

A ruptura dos vínculos institucionais e orgânicos com a universidade esteve relacionada, por seu turno, ao engajamento na vida política e a uma adesão aberta ao marxismo. Desenraizado do



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

espaço institucional da universidade, o investimento no papel de intelectual público foi a resposta do sociólogo brasileiro à crise pessoal dramática por que passou. Posteriormente à crise de 1969, Fernandes redefiniu sua identidade como intelectual público por meio de uma reorientação de sua trajetória sociológica, agora “crítica e militante” (FERNANDES, 1977). Embora os eventos pessoais traumáticos não possam ser entendidos como definidores do engajamento público do período seguinte, consideramos que esses elementos não podem ser meramente descartados na análise.

A cassação e o afastamento da USP justificam, de certo modo, a construção de novos canais de comunicação e de engajamento com um público extra-acadêmico por parte de Fernandes. Relacionado a isso, a ideia da “sociologia crítica e militante” põe em novos termos a compreensão que Fernandes vai adotar da sociologia, agora em estreita relação com o socialismo. O sociólogo adquire o caráter de ator político e força ativa, parte coordenada de um mesmo processo histórico junto a grupos e classes sociais. Desse modo, não faz sentido investir no isolamento acadêmico do sociólogo, mas sim perceber que, para fora e além da academia, está “a massa de miséria e de miseráveis” (FERNANDES, 1984, p. 21) que “põe-nos diante das melhores aproximações sociológicas da verdade” (FERNANDES, 1981, p. 9).

Durante os anos em que Fernandes esteve afastado da vida universitária, a partir de 1972,⁵ o escritório de sua casa foi o espaço de criação de uma série de escritos políticos cujo objetivo era travar um debate amplo sobre as questões públicas de seu tempo. Com exceção de *A natureza sociológica da sociologia* de 1980, que pareceu mais um acerto de contas com sua disciplina e claramente dirigido a um público acadêmico, Fernandes deixou de lado os jargões sociológicos para se dedicar a análises mais sintonizadas com seus posicionamentos socialistas, embora ainda direcionadas a um público intelectualizado restrito. Fazem parte desse repertório político o combate frontal à ditadura militar (*A ditadura em questão*, de 1982), as reflexões sobre educação e universidade (*A questão da USP*, de 1984) e o socialismo (*Poder e contrapoder na América Latina*, de 1981; *O que é revolução*, de 1984). Entretanto, ainda que não tenham intencionalidade prática de

⁵ Somente depois de cinco anos de seu retorno ao país, Fernandes teve permissão para lecionar em uma universidade brasileira, como professor de pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em 1977, sob a influência de d. Paulo Evaristo Arns.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

produção para o grande público, esses registros foram construídos em um contexto em que o autor está interessado na ampliação do alcance de sua obra.

Além dessa preocupação com a forma da comunicação, estão presentes nesses textos uma série de considerações pertinentes à capacidade dialógica do sociólogo com o grande público e quanto à necessidade de romper os limites da profissionalização da sociologia. Por essas razões, não faria sentido para Fernandes endossar e aceitar a segregação do intelectual na chamada “torre de marfim”, mas tratar-se-ia antes de “arregaçar as mangas e meter-se denodadamente na construção simultânea do socialismo revolucionário e da universidade liberada da servidão à ordem vigente e às suas iniquidades” (FERNANDES, 1984, p. 22). O importante desse processo é que a relação que o intelectual precisa estabelecer com o mundo, por meio dos “movimentos radicais”, são os ganhos científicos dessa mesma relação no que se refere à sociologia.

Lançando um olhar mais geral sobre o lugar de Florestan na teoria da divisão do trabalho sociológico de Burawoy, podemos verificar um “abandono” da sociologia profissional em direção a um investimento progressivo da sociologia pública a partir de final dos anos 1970. Foi *com e contra* o pano de fundo da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) que Fernandes construiu, de forma mais intensa, sua sociologia pública.

A passagem da década de 1970 para a de 1980 foi marcada por uma “flexibilização” do regime civil-militar. A partir de 1974, com o governo Geisel (1974-1979), a estratégia da “distensão” era mais um reflexo do desgaste do regime do que propriamente um apelo democrático. Entre as medidas, podemos citar a revogação do Ato Institucional n. 5 em 1978 e a suspensão parcial da censura prévia aos meios de comunicação. Foi também nesse período que o chamado “milagre econômico” mostrou seus primeiros sinais de esgotamento em 1974, associado à crise do capital que começava a repercutir nos países do capitalismo periférico. O aumento no custo de vida e a contenção dos salários aumentaram o descontentamento dos trabalhadores. Em 1978, os metalúrgicos da região do ABC Paulista protagonizaram o maior ciclo grevista da história do país.

Estando o regime civil-militar ainda mais desgastado, o governo Figueiredo (1979-1985) deu seguimento ao processo de “distensão” política. Em 1978, foi promulgada a problemática Lei da Anistia, que desagradou os movimentos de oposição por não admitir nenhuma punição aos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

responsáveis pela repressão institucional e, na mesma época, houve o fim do bipartidarismo. As greves no ABC Paulista se mantiveram pelos anos de 1979 e 1980, demarcando um ressurgimento do movimento sindical brasileiro e a necessidade de uma nova organização nacional do movimento de trabalhadores.

A sociologia pública de Florestan Fernandes desponta nesse novo momento de construção da luta política no país. Nesse período, tem início o surgimento de diversas organizações e movimentos, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a renovação da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), as Comunidades Eclesiais de Base (CEB), o Partido dos Trabalhadores (PT), além de comissões de fábrica, associações de bairro, organizações de camponeses, de mulheres, de negros, de indígenas, entre outras. Fernandes via com entusiasmo a construção desses movimentos, alguns deles inéditos em amplitude e em profundidade, embora apontasse a necessidade de articulação com organizações e partidos identificados com o socialismo revolucionário.

Após esse período, Fernandes se dedicou a uma luta com fronteiras maiores, utilizando seu conhecimento e notoriedade para atingir públicos ainda mais amplos. No bojo desses processos, uma de suas experiências de sociologia pública que, inclusive, ajudou a desencadear outras foi a atividade jornalística, principalmente no jornal *Folha de S.Paulo* a partir de 1984. No início da década de 1980, o jornal se tornou uma das forças ativas do movimento “Diretas Já”, em um momento em que grande parte da imprensa ainda não estava convencida desse caminho. Foi nesse contexto que o jornal *Folha de S.Paulo* abriu espaço, em seu corpo editorial, para escritores dos mais variados matizes políticos, sendo Florestan Fernandes um dos convidados, pelo então diretor, para a coluna “Tendências/Debates”.

Cabe destacar que, já entre 1943 e 1946, por oportunidade de sua militância no Partido Socialista Revolucionário (PSR), Fernandes iniciou a colaboração para o jornal *Folha da Manhã*, com cerca de dezesseis artigos publicados. Também no início dos anos 1940, passou a colaborar para o jornal *Estado de São Paulo*.⁶ Segundo Fernandes, “quanto à colaboração para o *Estado* (e quase simultaneamente para a *Folha da Manhã*), só iniciaria [...] depois de vencer o temor de

⁶ No caso da colaboração para o jornal *O Estado de São Paulo*, a mediação ocorreu por dentro dos círculos da academia, através de Sérgio Milliet, por recomendação de Roger Bastide.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

enfrentar o ‘grande público’” (1977, p. 162). Em outra passagem, o autor considera que “o melhor é que esse tipo de ‘repercussão’ se refletia no *mundo da universidade*, abrindo-nos dentro dele as portas fechadas a sete chaves pelos componentes das esferas mais conservadoras de nossas elites culturais” (FERNANDES, 1977, p. 165, grifo do autor).

Durante o período em que esteve vinculado ao PSR, Fernandes se dedicou à atividade de publicista como parte de suas tarefas militantes junto a jornais trotskistas, dando sua contribuição à imprensa “alternativa” do circuito de oposição à ditadura do Estado Novo. Dentre esses periódicos, *Opinião* e *Movimento* se destacam pelo alcance editorial significativo. Também no início de sua trajetória, constam publicações nos jornais *Folha da Noite* e *Jornal de São Paulo*. A partir dos anos 1950, Fernandes publicou de forma esporádica em *O Estado de São Paulo*.

A dedicação e a regularidade dessas contribuições foram alteradas de forma significativa, sob novas condições, a partir de 1973. Marcando um período como “militante solitário” (CANDIDO, 1987), Fernandes deu início a uma intensa atividade jornalística durante e após o período de revogação da censura prévia pelo regime civil-militar. Contudo, a versão mais “publicista” de Florestan Fernandes se deu em 1984, quando foi convidado para colaborar semanalmente na seção “Tendências/Debates” da *Folha de S.Paulo*. O surpreendente conjunto de aproximadamente quinhentos artigos que Fernandes publicou na *Folha* trazia reflexões que se inserem diretamente na conjuntura política da “redemocratização” e que conformam também um modo determinado de intervenção política. O entendimento de que os jornais poderiam oferecer uma tribuna de divulgação de sua interpretação da sociedade brasileira e do tipo de república que buscava para o país marcou sua dedicação e seu compromisso com a coluna da *Folha*.⁷ Além disso, constam publicações de Fernandes no *Jornal do Brasil*, em que também foi colaborador regular, e em outros periódicos, como *Pasquim*, *Portugal Democrático*, *Jornal de Brasília*, *Decisão*, *Jornal do Socialista*, *CPB Notícias*, *Folha de Londrina*, *Jornal Leia* e o argentino *La Opinión*.

⁷A grande totalidade desse total de artigos foi publicada a partir da década de 1980, depois intensificada com a periodicidade semanal (de 26/6/1989 a 7/8/1995). Pouco antes de sua internação e já prevendo sua inatividade, Fernandes preparou três artigos, que foram publicados depois de seu falecimento, ocorrido em 10 de agosto de 1995: “O rateio da pobreza” publicado em 11/8/1995 e “Custos sociais do capitalismo” e “A situação histórica concreta”, ambos publicados em 20/8/1995.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Fernandes produziu reflexões sintonizadas com a situação política do país inspirado na forma de um “tribuno do povo”, no sentido reivindicado por Lênin, uma das maiores referências intelectuais e políticas ao final de sua trajetória. A função de publicista não deixou, portanto, de ser uma forma de engajamento para os públicos na esfera da política, sem, com isso, negar sua marca de sociólogo e professor. Fazem parte também da sociologia pública de Fernandes variadas formas de intervenção, manifestos, declarações, participações em programas de televisão e, especialmente, sua filiação ao Partido dos Trabalhadores (PT), por meio do qual exerceu a atividade parlamentar como deputado federal constituinte em 1987, sendo reeleito em 1991. Fora dos quadros institucionais da universidade e depois de um hiato de quase trinta e cinco anos longe de organizações partidárias⁸, uma nova ditadura no Brasil alterou o cenário do engajamento público de Florestan, dessa vez como uma experiência dedicada de sociólogo público orgânico no Partido dos Trabalhadores (PT).⁹

Florestan Fernandes (PT-SP) foi eleito deputado federal constituinte com mais de 50 mil votos, exercendo o primeiro mandato no período de 1987 a 1990. No lançamento da candidatura, o sociólogo pôs para si duas tarefas: “servir como militante da campanha pela Constituinte” e, sendo eleito, batalhar por uma Carta “que se torne instrumento de luta política dos oprimidos e das classes trabalhadoras” (FERNANDES, 2006, p. 123). Essas tarefas partem da avaliação do sociólogo de que a nova Constituição é um objeto de disputa tanto do reacionarismo quanto de uma democracia popular que deveria apontar para uma construção socialista. Em outra ocasião, após o início de seu primeiro ano de mandato, afirma ser “acima de tudo um intelectual”, com todas as contradições da vida acadêmica que essa categoria encerra:

Sou acima de tudo um intelectual, com uma experiência militante magra, de uma dezena de anos, nas condições de uma ditadura ultrarrepressiva (a do Estado Novo), e uma prática acadêmica mais profunda e marcante. Mas, como Lênin, desconfio dos intelectuais. [...] A questão é mais grave no Brasil. Os intelectuais são universitários, e sua erudição se prende à carreira acadêmica, não à atividade revolucionária. (FERNANDES, 2006, p. 236).

⁸ Referimo-me ao fato de que, ainda no início dos anos 1940, Fernandes adere ao Partido Socialista Revolucionário (PSR).

⁹ “Ele só se reencontrou novamente, recuperou a felicidade, quando entrou para a política partidária” (FERNANDES, H.; FERNANDES Jr., 1995, p. 25).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Florestan foi reeleito em 1990, permanecendo até o final de seu mandato, em 1994.¹⁰ Ao longo dos dois mandatos, podemos perceber um sentido geral como sociólogo público orgânico da luta pela educação pública e a centralidade de sua intervenção pública na questão dos negros, dos povos indígenas e das camadas mais subalternizadas da sociedade brasileira.

O horizonte democrático da sociedade burguesa no Brasil foi desacreditado por Fernandes na medida em que o golpe de 1964 fechou o “espaço político aberto à mudança social construtiva” (FERNANDES, 2005, p. 251), na forma de uma “autocracia burguesa” (FERNANDES, 2005) que inviabilizou os papéis que o autor outrora havia demarcado para os intelectuais, particularmente os sociólogos. Restava a Fernandes, portanto, repensar o horizonte político e demarcar novas tarefas. A sociologia crítica e militante – identificando o socialismo como horizonte político – deveria se debruçar sobre a necessidade e a possibilidade de uma revolução nos quadros de um capitalismo periférico e dependente. Essas perspectivas resultaram na impossibilidade de compatibilizar, politicamente, capitalismo e democracia (FERNANDES, 2005). Dadas as novas tarefas intelectuais e os desafios políticos, Fernandes levou até as últimas consequências a unidade pretendida, desde os anos 1940, entre o cidadão e o sociólogo, agora na forma de um sociólogo socialista.

Nesse caso, o horizonte político da sociologia pública de Fernandes passa por uma sociologia crítica e militante, aliada das lutas sociais anticapitalistas e sintonizada com uma transformação radical da sociedade. Nas próprias palavras de Florestan Fernandes (2011, p. 90), esse processo deve passar por uma reeducação do intelectual “para tornar-se, ele próprio, uma força social revolucionária”.

De todo modo, estamos diante de um intelectual que, como sociólogo público, se vinculou de forma profunda a movimentos e a organizações que, em seu tempo, realizaram a luta política “dos de baixo”. A partir de uma “relação democrática entre o intelectual e o público” (FERNANDES, 1978, p. 66-67), o sociólogo deveria estar disposto a enfrentar novos papéis intelectuais: “depende de novos laços orgânicos – com a fábrica, com o campo, com os sindicatos, os partidos operários etc.” (FERNANDES, 2011, p. 90). Ou seja, precisa colocar-se a serviço do povo, e não apenas lutar por ele (FERNANDES, 1977, p. 246).

¹⁰“Sem medo de ser socialista” foi o *slogan* da campanha em 1990, em diálogo com o “Sem medo de ser feliz”, da campanha à presidência de Lula no mesmo período.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

Estudios sobre as condições intelectuais costumam demonstrar que momentos de crise das formas e relações sociais, muitas vezes relacionados a derrotas políticas e culturais, são propícios ao questionamento do intelectual sobre o mundo e ao autoquestionamento do intelectual sobre sua própria condição. Fernandes realizou, especialmente em uma fase tardia, seus questionamentos e autoquestionamentos da condição intelectual também a partir de um momento crítico de sua existência social, que se tornou parte constitutiva de sua própria trajetória.

A ruptura institucional com a USP, que reverberou em uma “crise psicológica”, representou posteriormente um afastamento da figura do sociólogo profissional em direção a um envolvimento mais estreito da sociologia com os públicos extra-acadêmicos, por meio de experiências de sociologia pública. Com a formulação de sua “sociologia crítica e militante”, o sociólogo brasileiro se esforçou para realizar uma unidade possível entre sociologia e revolução ou, em outros termos, entre conhecimento do mundo e sua transformação. Talvez resida aí o elemento fundamental que ajuda a amparar seu engajamento: no escopo de sua teoria sociológica, Fernandes considerou a agência dos indivíduos e o papel positivo de criação política do engajamento. Em Fernandes, a partir do último momento analisado no segundo capítulo, o horizonte político socialista passa a ser entendido como alternativa histórica, ou seja, não deve ser meramente descartado se não for realizado no curto ou no médio prazo. O que pretendi demonstrar é que, no caso do sociólogo brasileiro, existe uma teoria da sociologia pública no interior de sua sociologia crítica e militante.

O enraizamento desse debate, originalmente realizado em função da sociologia norte-americana, no contexto brasileiro está apoiado em uma compreensão de um aprofundamento do “profissionalismo”, no sentido que apresenta Edward Said (2005). Esse processo, de ordem mais geral, está relacionado com a formação e a atuação de intelectuais desvinculados da intervenção pública. Sem pretender realizar uma transposição mecânica desses processos para o Brasil, não podemos ignorar a forte tradição de sociologia pública em nosso país, bem como a existência, na atualidade, de centros e de experiências de sociologia direcionados a um público extra-acadêmico. Embora reconheçamos essa tradição na sociologia brasileira, seria inadequado caracterizar o atual



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

estado da sociologia no país tão somente em função de seu passado. Desse modo, não podemos fechar os olhos para o fato de a sociologia contemporânea ser marcada por certa “profissionalização” e descolamento entre a produção sociológica e o engajamento com públicos extra-acadêmicos, o que torna o debate em torno desse tema profícuo para os caminhos da sociologia no Brasil.

A própria sociologia pública está inscrita não apenas em suas referências do passado mas também nas lutas do presente. Os caminhos estão abertos aos sociólogos, que respondem aos desafios de seu tempo histórico; e o nosso tempo revela que nossos desafios são muitos.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

BURAWOY, Michael. 2004 presidential address: for public sociology. **American Sociological Review**, v. 70, n. 1, 2005.

CANDIDO, Antonio. Amizade com Florestan. In: D'INCAO, Maria Angela (Org.). **O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes**. São Paulo: Unesp, 1987.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia numa era de revolução social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1977. v. 7. (Coleção Sociologia Brasileira).

_____. **A condição de sociólogo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. **A natureza sociológica da sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.

_____. **Poder e contrapoder na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **A questão da USP**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Qual É).

_____. **Que tipo de República?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. Entrevista concedida a Paulo de Tarso Venceslau. **Teoria e Debate**, 1991. Disponível em: <<http://teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/nacional/florestan-fernandes&page=0,10>>. Acesso em: 27 set. 2016.

_____. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Globo, 2005.

_____. **Pensamento e ação: o PT e os rumos do socialismo**. São Paulo: Globo, 2006.

_____. **Brasil: em compasso de espera. Pequenos escritos políticos**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2011. (Coleção Revisitando o Brasil).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

FERNANDES, Heloísa; FERNANDES JR., Florestan. Tudo na vida é sério, mas nada é definitivo. Entrevista com Zilda Iokoi e Marcos Cripta. **Revista ADUSP**, São Paulo, n. 4, p. 22-27, 1995.

SAID, Edward. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.